

EDITORIAL

Em uma época em que a internet é o ponto de convergência – e de divergência – de grandes experiências e dilemas humanos, uma publicação precocemente “nativa digital” como os CASA, criada em 2003, não poderia deixar de acolher um dossiê temático como o que ora apresentamos ao leitor: “Enunciação e interação nos discursos na internet”. Com onze artigos selecionados para a chamada do dossiê, cuja edição coube às editoras convidadas Diana Luz Pessoa de Barros e Lucia Teixeira, e dois artigos aprovados para publicação sob a rubrica *Varia*, este número dos CASA compreende treze trabalhos que abordam temáticas atuais e, sobretudo, provocadoras, sob o ponto de vista de uma semiótica dos discursos midiáticos.

A cibercultura, entendida não apenas como questão tecnológica, mas como atitude da sociedade contemporânea, capaz de gerar impactos socioculturais ainda pouco estudados, manifesta-se por meio de uma linguagem sincrética, que opera com desenhos, gráficos, figuras, cores, palavras, sons, movimento etc. Qualquer que seja o suporte em que se concretiza – computadores, *tablets*, consoles, telefones celulares – a linguagem multissensorial e multimodal dos novos meios passa a modelar e intermediar relações em que o corpo do homem se dobra aos efeitos, encantos e tentações da máquina.

A relação entre o impacto tecnológico representado pelas mídias digitais e o correspondente fenômeno social gerado pelas novas formas de interação suscita algumas questões: como redimensionar e ressignificar os conceitos de texto e discurso, a fim de considerar a efemeridade, multiplicidade e fragmentação dos novos artefatos de linguagem desenvolvi-

dos em fluxo e em novos formatos e suportes? Que estratégias enunciativas e procedimentos de interação são próprios dos meios digitais? Qual o papel do suporte nos meios digitais, para definir as estratégias enunciativas que põem em relação diferentes linguagens? De que modo a mediação do corpo se afirma ativamente, nas semióticas emergentes, como interface sensorial entre as linguagens e os suportes nas estratégias de produção de sentido? Essas questões são respondidas e repropostas, como soluções provisórias que postulam forçosamente novas problemáticas, neste número dos CASA.

Nos dois artigos que abrem o dossiê temático, “A complexidade discursiva na internet”, de Diana Luz Pessoa de Barros (UPM/USP) e “Percursos de visita em sites da internet”, de Lucia Teixeira (UFF), vemos os contornos do problema teórico aqui abordado: o estudo daquilo que seria próprio ao sentido construído na rede. Sob a denominação “complexidade discursiva”, Diana Barros analisa a multiplicidade de tensões que perpassa a textualidade e a discursividade digitais dos discursos intolerantes que povoam a internet: oral vs. escrito, público vs. privado, identificado vs. anônimo, identidade vs. alteridade, verdade vs. falsidade, entre outras. Já Teixeira, em seu estudo sobre os sites de acervos de arte, mostra-nos como as novas interfaces de visualização da arte implicam diferentes agenciamentos enunciativos, aspectuais e rítmicos, que (re)constroem a experiência estética a partir da experiência de uso e que, à maneira dos acervos presenciais, prevê um lugar para “sujeitos interessados e inquietos, apressados e dispersivos, passionais e comedidos”.

As interfaces ou plataformas da rede são ainda objeto de reflexão dos trabalhos “De l’hypertexte au design monopage: une transition sémiotique”, de Vivien Lloveria (Université de Limoges), “Blog e campo de presença”, de Norma Discini

(USP), e “Espaces web pour une sémiotique visuelle numérique”, de Everardo Reyes (Université Paris 8). A partir do estudo do *design* de páginas na internet de tipo “hipertexto” ou “monopágina”, Lloveria caracteriza o percurso de dois tipos de usuários: o que toma decisões e seleciona informações clicando nos seus focos de interesse (usuário de *design* de hipertexto) e aquele que se entrega à navegação, rola a página, e se deixa guiar na experiência de leitura (usuário de *design* monopágina). São outras, mas não muito diferentes, as preocupações de Norma Discini quando estuda o modo como o *blog* Kibeloco presentifica, na rede, um corpo sensível que faz humor e gerencia o riso pela oscilação entre a mistura e a triagem dos valores. Se no caso de Lloveria a interface cria o usuário, para Discini, o corpo domestica a interface e, na relação corpo a corpo, presença a presença, forja o leitor-enunciatário. Por fim, o trabalho de Reyes, cujo propósito metalinguístico se destaca dos trabalhos do dossiê, não vai se dedicar ao estudo dessa ou daquela interface, mas refletir sobre a possibilidade de constituir uma semiótica visual digital que se valha de ferramentas elas mesmas digitais na sua constituição, de modo a permitir a análise de grandes conjuntos de imagens por parâmetros estatísticos, tecnológicos e semióticos pré-selecionados. A questão que Reyes postula não é como funcionam as interfaces, mas como os semioticistas podem explorá-las de modo mais eficaz em suas análises.

O sentido construído pelas mídias digitais de tipo jornalístico é foco dos artigos “Temporalização e espacialização no jornal *on-line*”, de Karla Cristina de Araujo Faria (FAETEC), e “Das ferramentas de busca ao texto: a construção da identidade LGBT em revistas digitais”, de Matheus Nogueira Schwartzmann (Unesp) e Jean Cristtus Portela (Unesp). Em sua análise da construção do tempo e do espaço das versões *on-line* de

jornais como *Folha de S. Paulo*, *El País* e *O Globo*, Faria detecta como estratégias enunciativas a rapidez e a simultaneidade do “ao vivo” e a diversidade e a fragmentação do espaço, o que só é possível em uma mídia que permite a reformulação e a transmissão contínuas e que não se encontra estabilizada em termos de ancoragem espacial, nem com relação ao lugar de produção, nem com relação à topologia das notícias na página diagramada. Já Schwartzmann e Portela buscam descrever semioticamente o funcionamento das ferramentas de busca na constituição de um córpus, analisando, para tanto, a relação entre os resultados dos buscadores internos de *Veja.com* e *CartaCapital.com.br* sobre o termo “LGBT” e as matérias encontradas nessas buscas. Vemos que tanto para Faria quanto para Schwartzmann e Portela, trata-se de compreender com mais precisão o impacto das ferramentas digitais na produção e na circulação de matérias jornalísticas.

As redes sociais, como poderíamos supor, constituem um objeto de análise privilegiado, como atestam os trabalhos “Entre a rua e a rede: uma análise semiótica das manifestações políticas contemporâneas”, de Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB), e “Banques camerounaises et ‘discours relationnel’ sur *Facebook*: sociosémiotique des instances et modalités de performance”, de Léopold Ngodji Tcheutou (Université de Yaoundé I) e Alphonse Joseph Tonyè (Université de Yaoundé I). No primeiro, Fulaneti realiza uma reflexão sobre o modo como a prática de militância no *Facebook* e a prática de navegação produzem tipos mais “extensos” de militância, incidindo sobre o modo de planejar, participar e criticar protestos e intervenções militantes em geral. No segundo trabalho, Tcheutou e Tonyè, investigando as transformações que o *Facebook* trouxe para as mídias e formatos tradicionais, analisam o discurso de relacionamento de marca dos bancos SCB Ca-

meroun e Société Générale Cameroun em suas páginas no *Facebook* e como esses bancos interpelam o navegador-cliente.

Se os trabalhos apresentados até o momento nos fazem pensar que os discursos que circulam na internet são todos voltados às práticas sociais e “de massa”, os artigos “A literatura na rede: uma literatura enredada?”, de Sérgio Luiz Prado Bellei (UFMG), e “O enunciatário em poesias digitais”, de Regina Souza Gomes (UFRJ), nos lembram que a rede mundial de computadores – como no artigo de Teixeira, citado anteriormente –   também o lugar da apreensão est tica, ainda que em escala “de massa”. Nesse sentido, Bellei, após as várias versões de um poema de William Blake, preconiza que, como nova “ideologia de comunica o” a ser analisada criticamente, a internet pode auxiliar a difusão da literatura. Segundo o autor, ainda que o novo suporte neutralize a densidade material das condi es de produ o, ele pode reproduzir mais fielmente um dado texto literário em suas sucessivas versões.   pelas virtudes da internet que Gomes também advoga quando discorre sobre a complexidade enunciativa na frui o de poemas digitais. Nesse caso, trata-se de textos já elaborados segundo as potencialidades do meio, o que implica uma diversidade importante de formas de construir e de ler o poema, formas que são o objeto privilegiado das análises de Gomes.

Finalmente, sob a rubrica *Varia*, este número dos CASA publica os artigos “Représentations discursives de l’homosexualit  et de l’homophobie au Brésil: analyse de la vid o « Medo de quê ? »”, de Manuella Felicíssimo (Cefet-MG) e Glauca Muniz Lara (UFMG), e “O ensino da argumenta o nos processos de leitura e de análise linguística na educa o básica”, de Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB), coincidentemente dois trabalhos que exploram, cada um a seu modo, os aspectos languageiros e ideológicos que incidem sobre as políticas

educacionais e, portanto, sobre a prática de ensino. O artigo de Lara e Felicíssimo analisa um vídeo que integra o projeto *Escola sem homofobia*, do MEC/SECAD – criado em 2011 e que foi objeto de polêmica sob a denominação conservadora de “kit gay” –, com o objetivo de compreender quais discursos presentes no imaginário brasileiro sobre a homossexualidade o vídeo em questão busca desconstruir. Já o artigo de Nascimento, a partir de uma perspectiva retórica, defende o ensino de argumentação na educação básica por meio da análise de textos jornalísticos, o que, para o autor, deve ser feito na perspectiva não só da escrita, mas sobretudo da leitura, por ser a argumentatividade uma operação constitutiva da linguagem.

Em mais este número dos CASA, vemos como as ciências da linguagem não ficam indiferentes ao mundo, que não deixa de nos oferecer a matéria-prima que anima a pesquisa semiótica: os modos de ser e de fazer na linguagem, em suas implicações linguísticas, languageiras, sociais, estéticas e éticas.

Diana Luz Pessoa de Barros
Lucia Teixeira
Jean Cristtus Portela